

O ressurgimento do socialismo

Apresentação no seminário “Da resistência ao projeto: imaginando futuros socialistas. Utopias para o nosso tempo”, ICAL, Fundação Rosa Luxemburgo, Universidade do Chile, 25/07/2026, Santiago, Chile.



Claudio Katz*

RESUMO

O projeto socialista está recuperando força após um período de decepção, devido ao fim da euforia neoliberal, à renovada ênfase no planejamento e aos sucessos da China. Está sendo reconsiderado na Rússia diante da ameaça de guerra e ressurgiu nos Estados Unidos com mudanças geracionais e vitórias municipais, em confronto com a fúria anticomunista da direita. Essas experiências estão renovando as estratégias da esquerda para conquistar e disputar o poder. Na América Latina, as adversidades da conjuntura atual coexistem com uma riqueza de teorias e experiências socialistas que reforçam o anti-imperialismo e a unidade regional.

O socialismo é uma aspiração antiga de ativistas populares que lutam para construir uma sociedade de igualdade e justiça. É um projeto situado no polo oposto ao capitalismo e que visa erradicar o sofrimento social, as tragédias da guerra e a destruição ambiental geradas por esse sistema. Sua prioridade é reverter a enorme desigualdade contemporânea por meio de políticas que expandam a propriedade pública e promovam a autogestão popular. Esse projeto começou a ganhar força novamente em várias partes do mundo.

MUTAÇÕES E PROTAGONISTAS

A abordagem socialista recebeu reações muito diversas nas últimas décadas. Houve um período de esperança na segunda metade do século XX, durante a ascensão do chamado bloco socialista em um terço do mundo. Mais tarde, o entusiasmo dos anos 1970 ressurgiu, alimentado pela radicalização provocada pelo sucesso das revoluções vietnamita e cubana.

Essa adesão começou a se deteriorar devido ao questionamento interno gerado pelo conflito sino-soviético, às críticas na Hungria, ao distanciamento da Iugoslávia, às reavaliações na Tchecoslováquia e ao descontentamento na Polônia. A subsequente implosão da União Soviética levou à rejeição do socialismo na década de 1990 e a uma Na década seguinte, prevaleceu uma indiferença generalizada, quando, fora da América Latina, o projeto igualitário parecia coisa do passado. Esse mal-estar diminuiu posteriormente e, hoje, há muitos sinais de uma reconsideração do socialismo.

A dissipação da euforia neoliberal é o principal motor dessa mudança. A crise financeira de 2008 desmentiu todas as premissas antissocialistas de otimismo em relação ao capitalismo. Primeiro, a intervenção estatal ressurgiu para socorrer os

banqueiros e, em seguida, disseminaram-se vozes que defendiam a regulação econômica em detrimento da primazia dos mercados.

A pandemia e o colapso da globalização reforçaram essa reabilitação da intervenção estatal, que está corroendo ainda mais a idealização da "mão invisível" e a noção de um capitalismo espontaneamente equilibrado. Os programas de investimento estatal estão novamente atingindo proporções enormes, e cresce o clamor por algum tipo de tributação significativa sobre a nova elite de bilionários digitais. Essa elite almeja capturar governos para consolidar seu domínio plutocrático, ampliando a desigualdade já escandalosa.

Nesse cenário, bem distante da veneração neoliberal pelos mercados, ressurgiu o interesse em revitalizar o planejamento como ferramenta de gestão econômica. Esse instrumento possui aplicações parciais em diversas áreas da gestão capitalista, mas foi desenvolvido e aperfeiçoado sob políticas socialistas que permitem sua plena implementação.

A necessidade de planejar a economia e regular os mercados tornou-se urgente, dada a piora descontrolada dos desequilíbrios ambientais e a gestão desastrosa gerada pela Inteligência Artificial. As consequências catastróficas de ambos os processos estão criando enormes temores nos próprios epicentros do capitalismo, destruindo a confiança ingênua nesse sistema que prevalecia no início do novo século. Aqueles que ainda repetem a retórica grosseira que contrapõe “o triunfo do capitalismo” ao “fracasso do socialismo” perderam o contato com a realidade.

A ascensão meteórica da China, com seu crescimento sustentado e sua rivalidade com os Estados Unidos pela supremacia em tecnologias de ponta. Essa conquista decorre do fato de o país ter evitado a autodestruição sofrida pela União Soviética, optando, em vez disso, por alterar seu rumo econômico sem dismantelar as vantagens herdadas de sua trajetória socialista.

A China substituiu a exportação de bens básicos por uma ampla gama de produtos manufaturados e ostenta melhorias notáveis no padrão de vida de sua população. Superou completamente seu antigo status de país subdesenvolvido e se transformou em um importante ator econômico internacional sem recorrer à coerção militar.

O gigante asiático rejeitou o neoliberalismo e a financeirização, mas não teria chegado ao seu estágio atual apenas com a aplicação de modelos keynesianos. Desenvolveu um sistema de domínio político sobre a esfera econômica, submetendo os capitalistas à autoridade efetiva do Estado. Esses setores privilegiados existem e são influentes, mas não controlam as principais alavancas do poder, nem as decisões estratégicas definidas pelo Partido Comunista. Por

essa razão, a regulação econômica funciona, os planos quinquenais são cumpridos e o impacto das crises financeiras é mitigado.

Aqueles que gerenciam esse modelo o definem como uma variedade de “socialismo de mercado”. Outros, como eu, o veem como um processo contestado rumo a uma longa transição para o pós-capitalismo . Mas, em qualquer interpretação, a China oferece inúmeros argumentos para apoiar a reconsideração do socialismo, que naquele país é concebido de maneiras que revitalizam o marxismo. Essa mesma sequência é corroborada no Vietnã, que, em uma escala diferente, está passando por um processo semelhante.

REAVALIAÇÕES E CONVULSÕES

Começam a surgir novas avaliações sobre a importância da União Soviética. O modelo econômico daquele país era severamente prejudicado pela baixa produtividade, escassez e uma gama limitada de bens de consumo. No entanto, não sofria com nenhum dos problemas contemporâneos de desemprego, endividamento pessoal ou trabalho precário que agora prevalecem em todos os países capitalistas.

As enormes conquistas sociais da URSS tiveram um grande impacto externo, estabelecendo o modelo de Estado de bem-estar social no Ocidente. As melhorias sem precedentes implementadas e mantidas por décadas nos países desenvolvidos foram aceitas por medo do comunismo, que as classes dominantes associavam à existência da União Soviética. O colapso desse regime abriu caminho para a ofensiva neoliberal e o desmantelamento sistemático dos sindicatos, dos acordos coletivos e dos direitos à educação, à moradia e à saúde.

O reconhecimento da importância da URSS é um tema de debate atual, permitindo-nos superar a rejeição dessa experiência. A economia da União Soviética não fracassou na competição com os Estados Unidos, visto que ambas as potências operavam em níveis diferentes. Em relações verdadeiramente comparáveis, a Rússia estava em melhor situação que a Turquia, a China progredia mais rapidamente que a Índia e a Europa Oriental não sofria nenhum dos grandes infortúnios da América Latina .

Essa reavaliação da URSS vem ganhando força na Rússia desde o colapso da era Yeltsin. Diante de um bloco ocidental beligerante, atualmente empenhado em subjugar ou fragmentar o país, o reconhecimento das conquistas da União Soviética durante décadas de resistência a essa mesma agressão está se consolidando.

A guerra na Ucrânia, as sanções comerciais dos EUA e a pressão financeira da Europa solidificaram essa reavaliação, que rejeita o suicídio político cometido com a dissolução da URSS. Essa reavaliação desse erro explica o ressurgimento

dos valores socialistas e o reaparecimento do simbolismo comunista em iniciativas internacionais (como a União Soviética) que clamam por um retorno ao bolchevismo.

O socialismo também está recuperando seu significado no contexto da guerra, que se mostra particularmente virulenta na Ucrânia, Palestina e Irã. Esse cenário de militarização está se disseminando como um novo perigo de alcance global. Como no passado, a beligerância se intensifica quando grandes corporações capitalistas não encontram uma saída para suas crises e intensificam as guerras para reativar seus negócios por meio de economias de guerra e da conversão militar da produção.

Este curso de eventos prevaleceu na Primeira Guerra Mundial e se repetiu na Segunda, dando origem aos cataclismos que levaram às revoluções socialistas na Rússia, China, Europa e Oriente. O ressurgimento desse cenário se apresenta hoje como uma possibilidade dramática, com a consequente escolha entre “socialismo ou barbárie” descrita por Rosa Luxemburgo.

GERAÇÕES EM DISPUTA

O atual ressurgimento do projeto socialista deve-se em grande parte a uma mudança geracional. A segunda década do século XXI consolidou uma mudança de era, pois os principais eventos que marcaram o fim do século passado já não encontram eco na juventude deste novo período.

O colapso da URSS — que afetou tão profundamente a consciência socialista internacional do século XX — tem pouco impacto nas gerações atuais. Permanece como uma relíquia do passado para os setores mais politicamente engajados e um evento quase desconhecido para a maioria da população.

Por essa razão, termos tão repudiados durante o boom neoliberal — como socialismo ou comunismo — estão perdendo suas conotações negativas e sendo reconsiderados sem preconceito pelos descendentes de experiências igualitárias. Essa mudança de percepção explica a renovada adoção desses ideais pelos jovens.

Essa mudança é muito visível nos Estados Unidos. Lá, o novo prefeito de Nova York, Madman , não esconde suas inclinações socialistas, e essa identificação é compartilhada pelos jovens que o apoiam. Tanto as pesquisas quanto a impressionante sequência de vitórias da ala socialista do Partido Democrata (DSA) confirmam essa afinidade. Essas vitórias se estendem a diversas cidades do país, canalizando uma crescente desaprovação aos bilionários digitais que enriquecem às custas das precárias condições de trabalho dos operários.

Mas, o socialismo está encontrando forte ressonância, não apenas devido à reconsideração de seus defensores, mas também à fúria desencadeada por seus oponentes. A própria terminologia do marxismo foi reintroduzida no discurso público por essa difamação. Ao demonizar o socialismo com tamanha virulência, a extrema direita reacendeu a curiosidade e o interesse por um programa diametralmente oposto ao trumpismo. Esse forte contraste está gerando intensos debates.

Os reacionários veneram o capitalismo apresentando a desigualdade como um fato inevitável. Consideram a propriedade uma instituição invulnerável e veem o mercado como um pilar intocável de qualquer sociedade. Com essas premissas, normalizam o desemprego, defendem o egoísmo e legitimam a exploração.

Em contrapartida, os socialistas defendem melhorias sociais, exaltam a justiça, promovem a cooperação e fomentam a fraternidade entre os povos. Por essa razão, aplaudem os direitos conquistados pelas mulheres, pelas minorias e pelos oprimidos de todas as formas, apoiam a democratização da sociedade e promovem a gestão responsável dos recursos comuns.

A batalha de ideias entre esses dois lados se estende a todas as áreas e inclui a disputa sobre o próprio uso do termo "liberdade". Os direitistas exaltam esse conceito, mas o único significado efetivo que lhe atribuem é a ausência de restrições ao mercado e o consequente privilégio que os capitalistas detêm para explorar os trabalhadores. Por outro lado, os socialistas associam a liberdade à igualdade e à possibilidade de melhorias sociais para a maioria da população.

Um contraponto semelhante envolve a visão crítica do Estado defendida por ambas as correntes. A retórica antiestatista da extrema-direita tornou-se mera fachada, omitindo o fato de que o capitalismo não sobreviveria um único minuto sem o apoio do Estado. Em contrapartida, o projeto socialista de eliminar a opressão estatal assenta num propósito coerente de expandir gradualmente a igualdade, a fim de desvendar uma longa jornada rumo ao comunismo.

O ressurgimento do socialismo na agenda pública aterroriza os poderosos, que apoiam a brutal campanha anticomunista lançada por Trump, Rubio e seus aliados. Eles estão ressuscitando os fantasmas da Guerra Fria e o arsenal persecutório do macartismo, que muitos analistas consideravam obsoleto. Estão reacendendo essa ofensiva porque estão obcecados com a potencial reconstituição de seu verdadeiro inimigo: o socialismo.

EXPERIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS

O socialismo está ressurgindo em estreita ligação com novas versões de antigas experiências municipais. Há uma tradição secular nessa esfera, que volta a

funcionar como laboratório para o poder popular. Essa influência é evidente nos sucessos eleitorais da esquerda em importantes cidades.

Nova York é o caso mais significativo devido à nova geração de ativistas que estão levando as campanhas de volta às ruas. Eles buscam contato direto com os moradores, refutando a crença de que a política foi relegada ao mundo etéreo das redes sociais. Operam com forte apoio da juventude da classe trabalhadora, que tem amplificado propostas de impostos progressivos para grandes empresas, a defesa dos migrantes e a condenação do genocídio em Gaza. Com a causa palestina como bandeira central de sua ação política, conseguiram criar um contrapeso significativo à extrema direita no coração do capitalismo.

O que aconteceu em Nova York já está tendo repercussões em outros lugares, como na cidade austríaca de Graz, onde a prefeita comunista foi reeleita, com forte aprovação ao seu programa habitacional. As pesquisas preveem vitórias eleitorais para a esquerda nas principais cidades europeias, confirmando o ressurgimento do socialismo municipal, que tem raízes profundas e maior presença na Índia e na Ásia. A mesma tendência já havia sido observada na América Latina, a começar pela experiência inaugural de orçamento participativo em Porto Alegre.

Essas experiências nos levam a reexaminar o modelo da "Viena Vermelha", que no início do século XX foi concebido pelo austro-marxismo como um elo na estratégia de conquista do Estado. No cenário atual, essas conexões remetem à proposta socialista de chegar ao governo por meio de eleições e, a partir daí, disputar o poder efetivo.

É evidente que uma vitória da esquerda nas eleições presidenciais é apenas o primeiro passo para confrontar o verdadeiro poder político daqueles que governam pelas costas do povo. Ela proporciona a força necessária para iniciar uma transformação democrática que permitirá aos cidadãos decidir sobre questões sociais cruciais.

Essa mesma batalha se estende ao judiciário e à luta contra a elite que governa em favor dos poderosos. É também uma luta pela hegemonia sobre o poder midiático, monopolizado por um punhado de empresários, e pelo controle das forças armadas, administradas pelos guardiões do status quo. Essas conquistas nas alavancas da sociedade visam erradicar o domínio econômico dos capitalistas, abrindo caminho para a igualdade social.

O socialismo é um processo que envolve a expansão do poder popular em detrimento do poder burguês, por meio de uma reestruturação drástica do Estado. Lênin esclareceu o funcionamento dessa instituição, descrevendo-a como o

epicentro do controle exercido por uma minoria de capitalistas sobre a maioria da sociedade.

A esquerda é socialista porque está comprometida com esse projeto, em contraste com o progressismo, que defende o capitalismo e rejeita objetivos igualitários. Devido a essa renúncia, muitas vezes permanece no governo sem desafiar o poder estabelecido, gerando a desilusão que abre caminho para a ascensão da direita.

Uma estratégia socialista adaptada ao contexto atual não é um exercício teórico. Ela exige lutas e rebeliões intensas que combinem reforma com revolução, superando a dicotomia errônea entre as duas. Como apontou Luxemburgo, existe uma complementaridade completa entre as reformas alcançadas no sistema vigente e a dinâmica revolucionária que erradicará o capitalismo. A própria ação popular tenderá a determinar, em cada caso, as formas específicas que essa combinação assumirá.

Esse processo exige o desdobramento do curso de radicalização postulado por muitos teóricos marxistas. Envolve uma dinâmica de longo prazo, pavimentada com estratégias de hegemonia e avanços na esfera pública. O ressurgimento do socialismo favorece uma revisão dessas coordenadas do projeto pós-capitalista .

CARACTERÍSTICAS REGIONAIS ÚNICAS

A reconsideração do socialismo na América Latina é mais adversa na conjuntura atual, mas muito sólida a longo prazo. As dificuldades de curto prazo decorrem da força da onda de extrema-direita, que detém mais poder na região do que em qualquer outra parte do mundo. Essa expansão se deve ao refluxo de um ciclo progressista que teve maior alcance do que movimentos semelhantes em outras regiões. Esse cenário desfavorável atual afeta os três pilares da perspectiva socialista das últimas décadas: Cuba, Venezuela e Bolívia.

Cuba é uma pequena ilha localizada a 145 quilômetros de Miami, que não pode avançar sozinha rumo ao socialismo sem se unir a processos semelhantes em escala regional ou global. Agora, enfrenta um perigo extremo com a intensificação do bloqueio imperialista. Trump está impedindo a chegada de petróleo e tentando provocar uma crise humanitária para sufocar a revolução, que o povo defende com grande heroísmo.

A Venezuela enfrentou uma luta árdua pela sobrevivência, que ofuscou seu projeto inovador de socialismo do século XXI. Atualmente, o país está efetivamente ocupado pelos Estados Unidos, que buscam roubar seu petróleo e transformá-lo em uma colônia.

O modelo plurinacional da Bolívia continha elementos de uma potencial transição para o socialismo, com um papel significativo para os povos indígenas. Esse caminho foi bloqueado pelo retorno da direita ao poder, com um ajuste neoliberal que desencadeou a primeira grande revolta do período atual.

Mas essas adversidades coexistem com a crescente força do projeto igualitário na América Latina, resultado de duas décadas de ampla organização, ativismo e conscientização popular. Na maioria dos países, novas redes de ativistas foram forjadas, com uma vasta gama de experiências ligadas à prática socialista.

Essa trajetória não foi uma improvisação recente. A América Latina possui uma herança secular de esquerda, com tradições socialistas e comunistas que moldaram a formação da classe trabalhadora e com figuras da estatura que Recabarren teve no Chile.

Esse legado nutriu um pilar teórico singular, que na região tomou forma em torno do marxismo latino-americano. Essa base conceitual amadureceu no calor da Revolução Cubana, enfatizando a importância do indivíduo na transformação revolucionária e o consequente impacto da vontade de mudar a sociedade.

Com essa abordagem singular, ele enfatizou a importância dos princípios éticos e desenvolveu um conceito de "novo homem", que lhe permitiu reconhecer a presença de uma ampla gama de segmentos populares na dinâmica transformadora. Ele compreendeu o papel crucial dos camponeses e moradores urbanos na década de 1970, em contraste com a ortodoxia comunista, que raciocinava com foco nas forças produtivas. Essa abordagem postulava uma transformação social centrada na definição dos processos que impulsionavam ou dificultavam o desenvolvimento econômico, negligenciando o papel central dos atores populares.

A esquerda radical do século XXI absorveu o marxismo latino-americano e herdou sua sensibilidade em relação ao papel dos povos indígenas, das mulheres e dos trabalhadores precários. Mas, acima de tudo, manteve seu compromisso com a luta popular e a centralidade da ação direta, em contraste com um progressismo atrelado à passividade, que impõe a veneração das instituições convencionais.

O socialismo na América Latina também se baseia no legado da Teoria da Dependência Marxista, que explica a drenagem sistemática de recursos sofrida por uma região periférica e subdesenvolvida. Essa tradição conceitual permitiu a compreensão de todas as consequências do extrativismo, que empobrece a área e perpetua sua condição de dependência.

A compreensão desses processos fundamenta o desenvolvimento de programas econômicos socialistas que levam em consideração as especificidades da América Latina. Esses projetos combinam estratégias de crescimento,

reindustrialização e redistribuição de renda, centradas na soberania energética, alimentar e financeira.

FIGURAS, IDENTIDADES E ATITUDES

Da síntese entre o marxismo latino-americano e a Teoria da Dependência surgiram projetos socialistas que atentam para a posição geopolítica de uma região submetida à dominação estadunidense. Essa opressão torna-se flagrantemente evidente na era do imperialismo descarado, brutal e confiscatório liderado por Trump.

Essa corroboração revela a enorme centralidade do anti-imperialismo na região e a consequente convergência da esquerda com o nacionalismo revolucionário. Essa convergência foi evidente com Sandino, Cárdenas, Torrijos e, mais recentemente, com Chávez e o projeto bolivariano.

Não há dúvida de que o projeto socialista na América Latina avança por meio da unidade latino-americana. É evidente que a região não pode resistir aos Estados Unidos nem negociar acordos favoráveis com a China sem fortalecer sua própria convergência. A UNASUL e a CELAC são vislumbres dessa convergência, que teve sua primeira grande tentativa na ALBA de forjar alternativas para uma coordenação econômica solidária com objetivos socialistas.

O marxismo anti-imperialista latino-americano também se baseia em figuras que valorizavam Martí (Mella) e desafiavam a idealização da burguesia nacional (Mariátegui). A partir dessa perspectiva, desenvolveram um ponto de vista próprio e singular, contestando abordagens dogmáticas e eurocêntricas que ignoravam as características específicas da região.

Desses legados emergiu Fidel Castro, o principal expoente da esquerda do século XX. Ele sintetizou, como nenhum outro líder, uma convergência completa entre teoria e prática socialista, concebendo a Revolução Cubana como um episódio da emancipação latino-americana. Rejeitou a governança convencional e liderou a tomada do poder estatal, demonstrando na prática como se desenrola uma transformação revolucionária.

Ele foi um líder que demonstrou notável perspicácia, autonomia e inteligência política, aderindo aos ideais socialistas sem aceitar os ditames do Kremlin. Por vezes, promoveu ações de guerrilha e, noutras, incentivou processos de radicalização institucional, demonstrando grande capacidade de adaptar esse projeto às circunstâncias em constante mudança. Com essa visão, manteve estreitas relações com Salvador Allende.

Fidel alcançou uma grande assimilação de Lenin ao raciocínio sobre estratégias políticas com categorias de ação, avaliando as relações de forças, a

especificidade de cada cenário, a definição do principal inimigo e a busca por alianças para forjar o poder popular.

A América Latina tem muito a contribuir para o ressurgimento do socialismo, o que exige, acima de tudo, a reafirmação desse objetivo em declarações explícitas. Defender a meta igualitária com uma clara identidade anticapitalista é a maneira mais simples e espontânea de recriar um ideal que retorna ao primeiro plano da história. Reivindicar o socialismo sem vergonha ou timidez, utilizando os símbolos e termos de sua história, é a melhor forma de hastear uma bandeira de rejeição categórica contra a arrogância da extrema direita.

O progressismo evita essa constatação para bajular os poderosos , falando apenas de “outro mundo”, “outra sociedade” ou “outro futuro”, renunciando ao ideal comunista e temendo declarações anticapitalistas. É por isso que abandona seus princípios, capitula no governo e gera a desilusão da qual a direita se aproveita. Em resposta a essa capitulação, surge a nova esquerda, apostando sem hesitar no ressurgimento do socialismo.

*Economista, pesquisador do CONICET, professor da Universidade de Buenos Aires. Seu site é: www.lahaine.org/katz